

fonte: O Globoclass.: 196data: 6/2/95pg.: 12

Virola, riqueza amazônica sob ameaça de extinção

ANA LUCIA AZEVEDO

Uma das árvores mais comuns da Amazônia corre o risco de desaparecer devido à extração indiscriminada. A virola (*Virola surinamensis*), a segunda madeira tropical mais explorada no Brasil (a primeira é o mogno), era abundante em todo o estuário do Rio Amazonas até 1989. Um estudo patrocinado pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF) revelou, entretanto, que as reservas da espécie foram reduzidas a um nível preocupante.

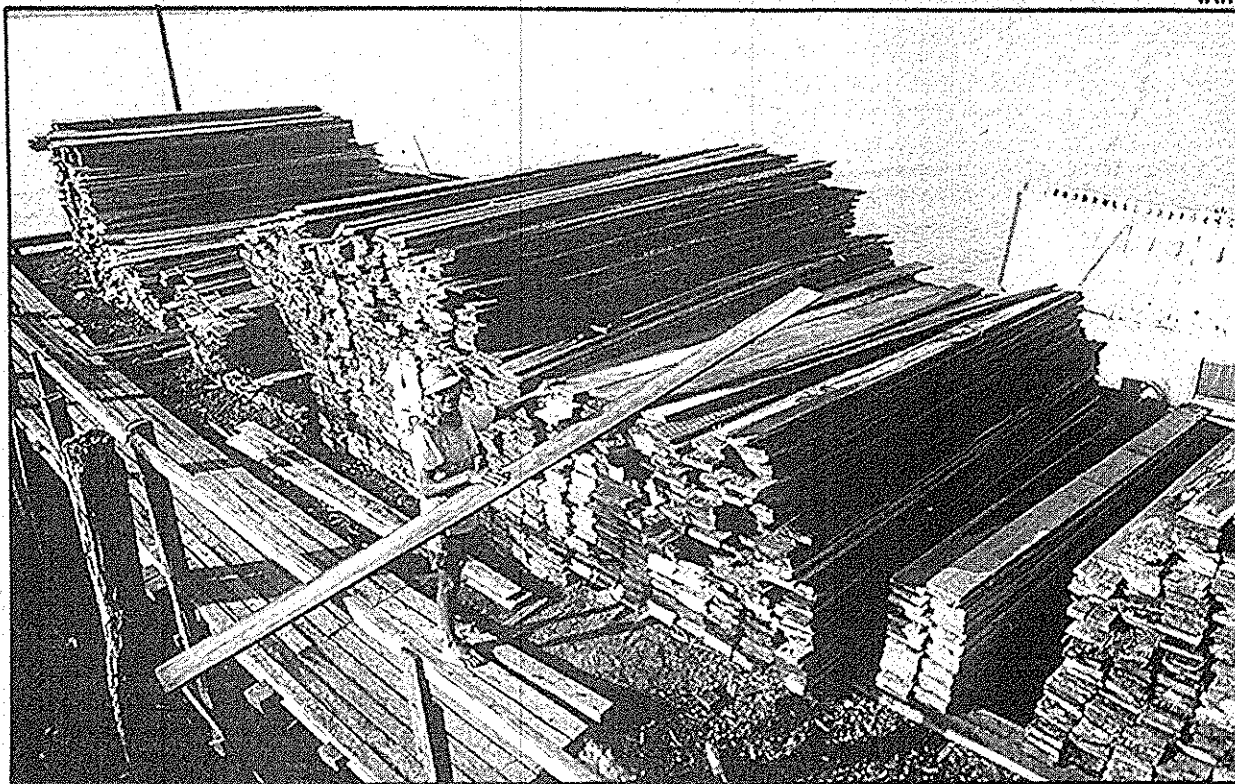
O pesquisador Anthony Anderson, um dos autores do estudo, diz que o equilíbrio ambiental da Amazônia não é o único prejudicado pelo declínio da virola. A exploração demasiada também pode acabar com uma das principais fontes de renda da região. A espécie pode ser encontrada nos estados do Amazonas e Pará.

— A virola pode realmente desaparecer se não houver um controle eficiente. A população da árvore, outrora grande, está muito reduzida — alerta Anderson.

A falta de fiscalização é apontada pelo estudo como um dos maiores entraves à conservação da virola. Os pesquisadores verificaram que o volume de madeira extraída é cinco vezes superior ao registrado pelo Instituto do Meio Ambiente (Ibama). Os dados foram obtidos com as próprias serrarias e fábricas de madeira compensada.

— Não se trata de proibir a atividade e sim de controlar a extração e taxar corretamente as exportações. O Brasil está perdendo dinheiro devido aos baixos impostos e à subnotificação — diz o cientista.

A escassez de virola já é sentida pelas madeireiras, salienta o pesquisador Robert Buschbacher, que analisou o comércio. Se antes a árvore era encontrada em abundância junto à Ilha de Marajó, agora as empresas incursionam até 300 quilômetros pelo Rio Amazonas em busca de madeira. Para Buschbacher, esse quadro deve se agravar.



Um carregamento de virola destinado à exportação aguarda embarque num pequeno cais do Rio Amazonas

Espécie de plantio simples cresce rapidamente

Para evitar o desaparecimento da virola, o estudo do WWF propôs mudanças simples, como programas de reflorestamento aproveitando clareiras naturais e o controle do abate, poupando árvores jovens.

Os cientistas verificaram que a virola cresce rapidamente e pode ser plantada com facilidade em pequenas clareiras naturais. Ao contrário do mogno e de outras madeiras nobres, a virola é muito resistente. Suas mudas crescem em pouco tempo, sobrevivendo às intempéries comuns na floresta amazônica.

— Em condições naturais, aproveitando as próprias clareiras da mata, é fácil regenerar a população da virola. Porém, com a adoção de técnicas

comuns de reflorestamento a produtividade pode dobrar, tornando essa espécie um recurso natural lucrativo fácil de renovar — diz Anderson, que escreveu o estudo em parceria com Igor Mousasticoshvily Júnior e Domingos Macedo.

O crescimento da virola é rápido se comparado com o de outras espécies de madeira nobre: em 30 anos a árvore já tem tronco e altura adequados para o corte. As novas pesquisas revelaram que esse tempo poderia ser reduzido à metade com a adoção de cuidados simples, usados em qualquer projeto de reflorestamento. Uma virola adulta pode ultrapassar os 30 metros de altura.

Diferente do mogno, cujas tentativas de plantio planejado

têm fracassado, a virola é adequada para o reflorestamento. Ela também é resistente a todas as pragas que atacam árvores de madeira considerada nobre.

A virola não cresce nas florestas de terra firme (a salvo de inundações periódicas), que cobrem a maior parte da Amazônia. Ela só é encontrada na várzea (inundada por certo período do ano) e nas matas de igapó (permanentemente alagadas). No entanto, a espécie é particularmente abundante nos igapós.

Não é à toa que a virola é achada junto às margens do Rio Amazonas e seus afluentes. A espécie precisa da água para se reproduzir, pois as sementes dependem das enchentes para se dispersar.